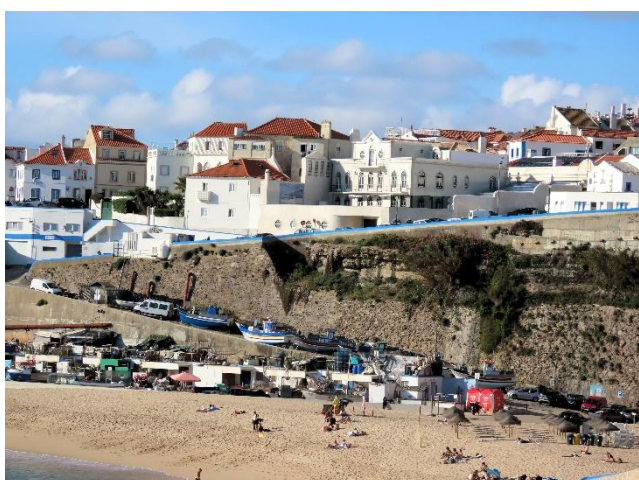




ERICEIRA

A VILA, O LITORAL, O PORTO DA CARVOEIRA E O FORTE DO ZAMBUJAL

Domingo, 15 de junho



Encontro: 9h30 no parque de estacionamento à esquerda da EN 247, para Ribamar, junto à Ermida de São Sebastião, na Ericeira (coordenadas 38º 58' 13,35" N e 9º 25' 11,00" W)

Percorso circular com cerca de 15km, com início no Largo de São Sebastião e visita à bonita Vila da Ericeira com passagem pela Ermida de São Sebastião, Fonte do Norte, Igreja de São Pedro, Largo do Pelourinho, Igreja da Misericórdia, Capela de N. Sra. da Boa Viagem, Largo das Ribas, o antigo Casino, Largo do Jogo da Bola, Capela de Santa Marta, Parque de Santa Marta e Praia da Baleia.

Continuação do percurso pelas urbanizações a sul da Vila com passagem pela Fonte Boa da Brincosa, o sítio do Porto da Carvoeira com a **Igreja de N. Sra. do Ó**, a velha ponte e o Guardiã do Rio Lisandro do Bordalo II. **Subida ao Forte do Zambujal**, obra n.º 95 das Linhas de Torres, onde poderemos fazer o piquenique, passagem pela aldeia do Zambujal e descida ao vale da Vidigueira, subida ao lugar do Seixal e passagem pelo Outeirinho e a Fonte Boa dos Nabos, onde poderemos descansar e restaurar no café "O Catita". Por um caminho através de um pinhal chegaremos às urbanizações do extremo norte da Ericeira e ao **Miradouro da Ribeira de Ilhas**. Pausa para descanso no Miradouro do Forte e regresso ao Largo de São Sebastião pela beira-mar com passagem no Forte de Milreu, na Pedra Branca e na Praia do Matadouro.

Percorso relativamente fácil, por arruamentos pavimentados, estradas e caminhos rurais, numa zona em que a agricultura vai sendo abandonada e a urbanização está em rápida expansão, com duas ligeiras subidas para a Fonte Boa da Brincosa e o Seixal e outra mais acentuada para o Forte do Zambujal em que se destacam, além da visita à bonita Vila e porto de pesca da Ericeira, as belas panorâmicas sobre o oceano e o Porto da Carvoeira (vale do Rio Lisandro).

VILA DA ERICEIRA

Segundo uma lenda, o nome Ericeira significa "terra de ouriços" devido aos numerosos ouriços-do-mar que abundavam nas suas praias. Investigações mais recentes apontam o ouriço-cacheiro e não o do mar como inspirador do nome. Com a descoberta de um exemplar do antigo brasão da Vila, hoje no Arquivo-Museu da Misericórdia, confirmou-se que o animal ali desenhado é, de facto, um ouriço-cacheiro.

A história da Ericeira remonta a 1000 a.C. quando por ali passaram os fenícios. O seu primeiro foral data de 1229, concedido pelo então Grão-Mestre da Ordem de Aviz, Dom Frei Fernão Rodrigues Monteiro, que assim instituiu o Concelho da Ericeira. É na carta de foral que surgem as primeiras referências aos pescadores da Ericeira, estando bem presente o cuidado do legislador em acautelar os direitos e deveres dos que se encontravam sujeitos às tutelas dos donatários: "Quanto aos pescadores, deem a vigésima parte do pescado que matarem no mar. De doze peixes, levem um para conduto antes de darem a vigésima parte, e se matarem congro, comam-no. Do pescado que encontrarem morto, não paguem foro. De baleia, deem a vigésima parte. De toninhas e delfins sem impedimento, em ocasiões de fome".

No século XIII a baleia, a toninha e o delfim eram as espécies mais pescadas, tendo dado lugar, já no século XVI, à raia, ao rodovalho e à pescada. Em 1547, D. João III concede aos pescadores ericeirenses a permissão de venderem o peixe "a olho" e não "a peso", costume que ainda há trinta anos se mantinha. O novo foral concedido por D. Manuel I, em 1513, veio nobilitar a Vila que doou ao infante D. Luís e por este ao seu filho natural D. António, Prior do Crato, forte opositor à tomada do poder real por Filipe II de Espanha. Em 1589, no Forte de Milreu, D. António fez uma gorada tentativa de desembarque de tropas com o objectivo de conquistar o poder.

Em 1855, na sequência da reforma administrativa de Mouzinho da Silveira, foi extinto o Concelho da Ericeira que foi integrado no de Mafra. À época a Vila tinha maior dinamismo económico e social do que Mafra, sendo o quarto maior porto do país, a seguir a Lisboa, Porto e Setúbal, com alfândega, cuja jurisdição abrangia toda a costa desde Cascais à Figueira da Foz. A antiga importância comercial tem hoje correspondente no notável movimento turístico, resultante da situação e do clima privilegiado de que goza. **Do seu porto embarcou, no dia 5 de outubro de 1910, a Família Real para o exílio.**

A zona da Ericeira, devido às características das suas ondas, é bem conhecida para a prática do surf com praias muito conceituadas como a da Ribeira d' Ilhas (reserva mundial do surf) ou a dos Coxos, em Ribamar, entre muitas outras.

CAPELA DE SÃO SEBASTIÃO

A Capela de São Sebastião, na zona norte da Vila, tem planta hexagonal coberta por uma cúpula, permitindo a sua arquitetura observar elementos de épocas distintas. São os casos do altar que terá sido colocado em 1567 a pedido de um grupo de moradores da Ericeira e dos azulejos do século XVII que forram o seu interior. O espaço sofreu obras de ampliação em 1678.

A confraria de S. Sebastião, constituída exclusivamente por rapazes solteiros, tinha sede na capela. Até 1968 ali estiveram as tumbas deste grupo, entretanto transferidas para a Misericórdia, juntamente com as existentes na Igreja Paroquial.

Desde há vários anos que no final de janeiro se realizam junto à capela as **festas em honra de S. Sebastião e S. Vicente**, em tempos a maior celebração da Vila e arredores. Hoje em dia, os festejos são também conhecidos como Festa dos Bêbados. Depois da celebração da missa, as gentes da Ericeira (e demais visitantes) juntam-se no largo da Capela para dançar ao som de música popular, comer bolos regionais e beber um copo de vinho tinto proveniente de pipas oferecidas para o evento.

Dos miradouros do Largo de São Sebastião desfrutam-se belas panorâmicas sobre o litoral com a Praia de São Sebastião a norte e a Praia do Algodio a sul.

FONTE DO NORTE

Erigida em 1928 pela Comissão de Iniciativa e Turismo da Ericeira com uma traça graciosa, bem integrada na arquitectura típica do local, cujo projecto se deve ao Dr. António Bento Franco. A Comissão de Iniciativa e Turismo da Ericeira, na mesma época, mandou erigir outros fontanários como a castiça **Fonte dos Golfinhos**, na Rua dos Ferreiros.

IGREJA DE SÃO PEDRO

A Igreja Paroquial de São Pedro tem origem numa capela edificada em 1466, no mesmo local. A partir de 1658 foi ampliada várias vezes até atingir a actual dimensão. A capela-mor exhibe quatro telas retratando a vida de São Pedro e, ainda, o retábulo e o sacrário em talha e imagens barrocas de São João Evangelista e de São Pedro. Frente à igreja existe um cruzeiro que foi erigido em 1782.

Na nave existem quatro altares laterais da invocação de Nossa Senhora da Conceição, do Sagrado Coração de Jesus, de Nossa Senhora do Rosário e do Calvário e lambris de azulejo com cenas da vida de São Pedro. Na sacristia está o altar de Nossa Senhora do Carmo, que primitivamente estava no alpendre da igreja demolido na segunda metade do séc. XVIII.

PELOURINHO

Pelourinho quinhentista, de pinha cónica, com soco octogonal de dois degraus e fuste cilíndrico, liso, capitel oitavado com rosetas e remate cónico. Marco da arquitectura político-administrativa e judicial da Vila, outrora sede de concelho, pode inserir-se num grupo cujo protótipo é o pelourinho de Colares, que exerceu influência nos pelourinhos da Estremadura, no que respeita ao nó, capitel e remate. Pelourinho com anel a seccionar o fuste, onde ainda se mantém uma argola de sujeição, o seu remate é cónico, ornado por cogulhos. As quatro folhas lisas e espalmadas que decoram a base assemelham-se a patas românicas.

Diante do pelourinho está o edifício da antiga Casa da Câmara da Ericeira, agora sede da Junta de Freguesia, com fachada de arquitetura tradicional, provavelmente do século XVIII ou XIX, com janelas retangulares e um pequeno campanário sobre o beiral.

IGREJA DA MISERICÓRDIA

A Igreja da Misericórdia começou a ser projetada após a Câmara da Ericeira ter doado, em 1678, a Capela do Espírito Santo a Francisco Lopes Franco, procurador dos Condes da Ericeira que, com a ajuda dos pescadores, tomou a responsabilidade de erguer o templo que acolheu a sua sepultura, quatro anos mais tarde.

A obra foi concluída no século XVIII e as pinturas Visitação e Virgem da Misericórdia, visíveis de cada lado do altar-mor, são da autoria de Manuel António de Góis. No arco do retábulo-mor encontra-se a imagem de Nossa Senhora do Rosário, titular da mais importante confraria da Ericeira.

Merecem ser admiradas as pinturas do tecto e do coro alusivas aos sete Sacramentos e às catorze obras de Misericórdia. Esta igreja possui ainda uma colecção de nove bandeiras que representam a Paixão de Cristo e que costumam ser exibidas na **Procissão dos Fogaréus**, que sai às ruas na Quinta-Feira Santa. De salientar, ainda, os dois altares laterais, um dedicado a Santo António e o outro ao Senhor do Horto (Ecce Homo).

A Igreja era o templo onde os irmãos da Misericórdia assistiam aos ofícios religiosos, sentados num cadeiral posicionado junto à entrada para a albergaria e o hospital, que em 1937 deram lugar ao atual Arquivo-Museu.

LARGO DAS RIBAS

Sobre as arribas da Praia dos Pescadores e do porto piscatório é, seguramente, um dos mais belos recantos no nosso litoral.

No seu canto noroeste encontra-se o Forte de N. Sra. da Natividade, construído em 1670 durante o reinado de D. Pedro II. Integrava a rede de fortes de defesa da costa contra ataques e incursões

de piratas que pilhavam e raptavam pessoas, em especial mulheres jovens que vendiam nos mercados do norte de África.

Mais ao centro, sobre uma plataforma murada e com bancos corridos onde a população e os visitantes se sentam a conversar e a ver o oceano, encontra-se a **Capela de Nossa Senhora da Boa Viagem** cuja data de fundação é desconhecida. Em 1609 era a sede onde decorriam as reuniões da Confraria de Nossa Senhora da Boa Viagem dos Homens do Mar e só em 1645 é que se tornou em local de culto. Nas portas há gravuras que assinalam o ano de 1644 como o primeiro em que foram efetuados melhoramentos. Dois séculos mais tarde, em 1844, foi intervencionada a mando do último presidente do município. No início do século XX decorreram novas remodelações e em 1993 foram restaurados a talha, a pintura e o douramento do retábulo. **No passado, a capela também serviu de farol, assinalando a entrada dos barcos no porto e anunciando temporais. No presente é um local de celebração anual das festas em honra de Nossa Senhora da Boa Viagem, padroeira dos pescadores da Ericeira, no terceiro fim-de-semana de agosto.** Na fachada sul está uma placa em azulejo que assinala o último evento histórico ali ocorrido “Foi nesta praia que, no dia 5 de Outubro de 1910, embarcou para o exílio a Família Real portuguesa perante a respeitosa atitude de toda a população da Ericeira”.

Ao centro, junto do miradouro sobre a Praia dos Pescadores, está a estátua ao Jagoz do Mar, do escultor mafrense José António de Matos Cardoso Pinto de Queiroz (José C. Queiroz), inaugurada em 26-11-2023.

GRANDE CASINO DA ERICEIRA

A sua origem remonta ao ano de 1861 em que é inaugurado, no piso térreo do edifício mandado construir por Francisco José da Silva “o Ericeira”, o “Clube Recreativo Ericeirense”, que inicialmente funcionava apenas na época balnear com saraus musicais de grande nível que atraíam a aristocracia e a classe média.

Este edifício foi adquirido em 1919 pelo empresário Joaquim Ferreira e transformado no “Grande Casino da Ericeira” equipado com jogos de roleta, de banca francesa e outros de fortuna e azar, oferecendo a novidade de um serviço de restaurante dirigido por um Maître d’Hotel de Lisboa que se propunha a realizar concertos e matinés, aos domingos e quintas-feiras.

A este primeiro casino, relativamente modesto, sucedeu-se um segundo, em 1924, de grande riqueza arquitectónica com a fachada decorada com estuques de A. Teles e interiores de luxo, que era palco da celebração do início (julho) e fecho (finais de outubro) da época balnear com concertos, variedades e bailes. Durante o mês de setembro realizavam-se chás dançantes frequentados pela elite da colónia balnear espanhola. O serviço de restaurante esmerava-se com almoços-concertos, existindo, ainda, uma pensão-hotel anexa.

O “Grande Casino da Ericeira” foi encerrado em 1927 pelo decreto governamental que atribuiu o monopólio do jogo, no distrito de Lisboa, ao “Casino Estoril”. Como forma de recuperar o seu investimento, o empresário Joaquim Ferreira optou por transformar o espaço em “Cine-Casino”, mantendo o restaurante a funcionar no salão do primeiro andar. Nos primeiros tempos só havia sessões no verão e, só mais tarde, é que passou a haver matinés aos fins-de-semana de inverno.

Durante os anos 30 e 40 do século XX, do “Casino” restou o nome, pois servia de rádio pública, que emitia para o exterior músicas populares antes do início de cada sessão. Essa música, a que as pessoas chamavam de **“o sonoro do Casino”, serviu como contributo músico-cultural quase único na época, porquanto a rádio era um luxo a que poucos acediam.** Até aos anos 60 do século XX eram exibidas revistas ao estilo do Parque Mayer, por altura do encerramento da época balnear, havendo soirées dançantes durante o verão e em dias alternados com as sessões de cinema até ao surgimento das boîtes e discotecas. O “Cine-Casino” não se limitava a servir as elites e, pelo Carnaval, acorriam gentes de todas as classes sociais, sem distinção.

Encerrado em 1980, foi adquirido em 1986 pelo Município de Mafra que o remodelou totalmente entre 1989 e 1993 e transformou em “Casa de Cultura Jaime Lobo e Silva” equipada com uma biblioteca pública, sala de leitura, sala multimédia, anfiteatro para apresentações teatrais e outros eventos, um espaço audiovisual e outro infantil.

LARGO DO JOGO DA BOLA

Hoje chama-se Praça da República, mas toda a gente a conhece por Jogo da Bola tendo sido, sempre, o coração pulsante da Vila, um espaço animado onde todos se encontram e convivem.

Nas suas origens, o nome Largo do Jogo da Bola nada tinha a ver com futebol. Era palco de um jogo então bastante popular, que consistia em lançar uma pesada bola de madeira (de oliveira ou pinho), com cerca de 20 a 25 cm de diâmetro, contra paulitos igualmente de madeira, dispostos sobre um quadrado de pedra em grupos de 9 ou 12. Uma espécie de cruzamento entre a petanca e o bowling, com o objetivo de derrubar o maior número de peças. No centro do largo existia um cofre de pedra, com tampo e fecho de ferro. **Os jogadores pagavam ali “o barato”, uma pequena quantia pelo aluguer do recinto.** O valor arrecadado revertia para a Irmandade das Almas da Igreja de São Pedro. Por essa razão, este passatempo ficou também conhecido como Jogo das Almas. Diz-se que até as pedras da calçada conheciam o som da bola a rolar. Durante os séculos XVI e XVII, o jogo tornou-se tão popular que acabou por ser proibido a fidalgos, cavaleiros, mecânicos e homens de trabalho. Diziam que era um vício, um perigo, uma distração. Chegou mesmo a gerar conflitos e tragédias. Em 1656, dois condes desentenderam-se no calor de uma jogada e um deles acabou ferido de morte.

Com o crescimento económico da Ericeira, o Largo do Jogo da Bola ganhou nova vida. Em 1865, o cofre de pedra foi enterrado, a terra batida deu lugar à calçada, e o largo passou a ser arborizado. Novas lojas abriram e o espaço transformou-se num ponto central de comércio e lazer sendo o palco da sua vida social.

IGREJA DE SANTA MARTA

A atual Igreja de Sta. Marta, erigida em 1760 no lugar da antiga Ermida de Nossa Senhora da Saúde, posteriormente Senhora das Necessidades, situa-se ao sul da Vila da Ericeira sobre uma plataforma rochosa, hoje ajardinada e envolvida pela malha urbana da Vila.

A antiga ermida, construída em 1484, situava-se mais junto ao mar, onde actualmente se encontra o poço das “Águas de Santa Marta” no perímetro do Parque de Santa Marta, sendo local de devoção ligado a curas milagrosas de peste. Em 1599, segundo a lenda referida por Frei Agostinho

da Santa Maria, a venerada imagem de Nossa Senhora das Necessidades foi levada por um casal de tecelões para Lisboa onde, perto de Alcântara, edificaram uma capela para a imagem, que veio a dar nome ao local e ao palácio ali mandado edificar por D. João V. Esse "furto" foi atribuído em virtude de a imagem ser considerada milagrosa, sendo a fé acrescida nos anos em que grassou a peste.

Nos finais do séc. XIX, início do séc. XX, a descoberta das capacidades curativas das águas ali próximas associou-se à imagem de Santa Marta, que já se venerava na capela, aumentando a sua devoção. As confrarias de Nossa Senhora das Necessidades e de Santa Marta tinham sede nesta ermida.

A atual Igreja, de linhas simples, transpõe para o interior o gosto artístico da segunda metade do séc. XVIII, quer ao nível da talha dourada, quer na policromia do retábulo. No centro do altar está a imagem de Nossa Senhora das Necessidades, sobre nuvens em que aparecem três cabeças de anjo, segurando ao colo, com a mão esquerda, o Menino, e com a mão direita a vara-tocheiro, onde se encontra a vela. De salientar dois painéis de azulejos do séc. XVIII representando a Anunciação do Anjo e o Nascimento de Jesus.

Foi, também, esta Igreja sede de confraria das raparigas solteiras, que aí realizavam procissões e festejos, em honra das invocações aí patentes, mas que acabaram por se perder após uma integração nas cerimónias do dia de S. Pedro. O largo da igreja com habitações em redor, único na Vila, remonta ao tempo do santuário mariano, com as casas para peregrinos.

PARQUE DE SANTA MARTA

António Lopes Costa, proprietário do terreno que, noutros tempos, se chamava de Mato de Santa Martha, terá curado o seu "mal do estômago" e melhorado do reumatismo ao beber a água de um poço ali existente. Em finais de 1897 requereu a concessão das águas mineromedicinais do seu terreno tendo-lhe sido concedida licença para explorar "as nascentes de águas mineromedicinais denominadas de Santa Martha e situadas na freguesia da Ericeira, concelho de Mafra".

Em 1936 foi construído um balneário termal desenhado pelo Arquitecto Pardal Monteiro tendo a fama das suas águas atraído muita gente à Ericeira. O Dr. Raúl de Andrade, médico municipal, foi o seu primeiro clínico.

Em 1956 a Câmara Municipal de Mafra ficou com a concessão do espaço tendo, em 1960, encerrado as termas e inaugurado um parque de recreio e lazer sobre as furnas com belas vistas sobre o oceano. Em 2005 foi submetido a grandes obras de reabilitação, que demoliram o balneário, tendo o parque atual sido inaugurado em 2007 mantendo um túnel em declive de acesso à nascente.

PRAIA DA BALEIA E HOTEL DE TURISMO

Também conhecida como Praia do Sul, numa bonita baía abrigada por altas falésias e pela Ponta de Santa Marta ou das Furnas, é a mais extensa e concorrida da Ericeira. Em 1872 deu aqui à costa uma enorme baleia da qual ainda há vértebras e uma costela guardadas no local, daí o seu nome.

Junto do acesso à Praia e sobre a plataforma rochosa das Furnas, dominando o oceano e com uma bela panorâmica sobre o litoral, para sul, até ao Cabo da Roca foi, em 9 de junho de 1956, inaugurado o Hotel de Turismo da Ericeira, propriedade do ericeirense Raúl Duarte Gomes. Construído no local do chalet do banqueiro João Ulrich, à data da inauguração tinha 50 quartos com banho privativo e outros equipamentos como campo de ténis, **um Bar-Dancing “único no género em todo o país”, mobilado e decorado pela prestigiada “Companhia dos Grandes Armazéns Alcobia” de Lisboa e azulejos da Fábrica Viúva Lamego.**

Edificado numa gramática arquitectónica tradicional portuguesa, com cobertura de telhas verdes, foi sucessivamente ampliado tendo sido construídos mais dois edifícios anexos ao inicial e as piscinas nos terraços sobre o mar. Foi adquirido pelo grupo “Vila Galé Hotéis” e, depois de profundas obras de recuperação, remodelação e ampliação que mantiveram a sua bonita traça arquitectónica, foi inaugurado em 2002 com a designação de Hotel Vila Galé Ericeira, com 202 quartos. **É um dos mais bonitos hotéis do país com uma localização excepcional e excelentes vistas sobre o oceano e as falésias do litoral.**

PORTO DA CARVOEIRA

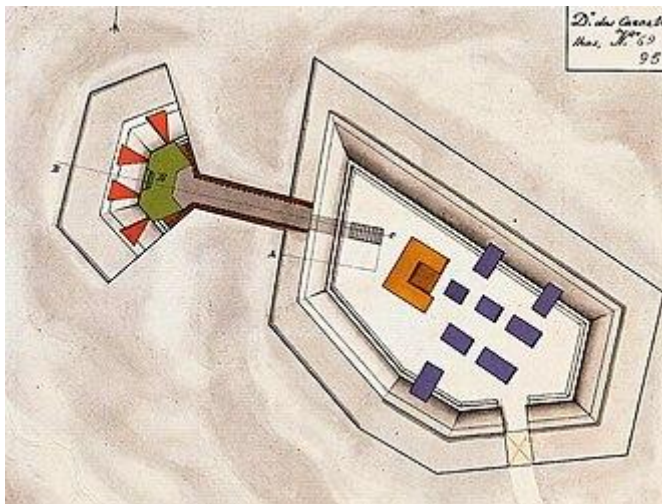
A povoação da Carvoeira, até ao liberalismo, constituía o Reguengo da Carvoeira, sendo integrada no concelho da Ericeira em 1839 e, quando da extinção deste em 1855, no de Mafra. **Teve um cais no Rio Grande do Porto, conhecido actualmente por Ribeira de Cheleiros ou Rio Lisandro**, onde eram carregadas as embarcações de carvão, rumo a Lisboa. Aqui ainda se conservam a antiga ponte medieval e a Igreja de N. Sra. do Ó, de possível construção quinhentista.

Em 1570 a igreja é elevada a matriz, separando-se da de Cheleiros, a cuja paróquia pertencia. Pela mesma altura é constituída a Junta de Paróquia de Nossa Senhora do Ó do Porto do Reguengo da Carvoeira. Em 1585 ocorreu um combate junto à igreja, onde participam duas companhias de infantaria espanhola, entre os mortos figuram Pêro Luís e João Roiz, sepultados no adro do templo.

A igreja foi alvo de posteriores campanhas de obras ao longo dos séculos XVII e XVIII, que lhe conferiram a sua actual feição, com características maneiristas e barrocas. Ao longo do tempo foi-se degradando em consequência das cíclicas cheias do Rio Lisandro, estando o nível da última grande cheia, ocorrida em 19-02-1983, marcado sobre a porta do lado sul. Quando as paredes já abriam fendas que punham em causa a sua estrutura, foi recuperada em 1983. Passados cinco anos foi assaltada tendo desaparecido quase todas as imagens, incluindo a de N. Sra. do Ó. Integra-se no conjunto de edifícios da denominada região salaia, caracterizados por exterior de tratamento arquitectónico austero, com galilé diante da fachada que constitui o seu elemento distintivo. Num dos cunhais da galilé tem um relógio de sol de 1763 e, no adro, um cruzeiro de 1668.

Na margem sul do rio foi inaugurada, em 12-04-2024, a obra do artista plástico Bordalo II “Guardião do Rio Lisandro” inspirada na ave guarda-rios (Alcedo atthis) que pretende consciencializar toda a comunidade para a importância da protecção do Rio Lisandro e da área circundante. Na estrada rural que desce da Fonte Boa da Brincosa para o Porto da Carvoeira desfruta-se de belas vistas sobre todo o vale terminal do Rio Lisandro.

FORTE DAS CASAS VELHAS



Também conhecido como **Forte do Zambujal**, localidade junto da qual se situa e no extremo oeste da 2.^a linha, constitui a Obra n.º 95 das fortificações das Linhas de Torres. Forte de planta composta, constituída por reduto central, em polígono irregular de 6 lados e bateria avançada, ligados por túnel e acesso muralhado. **Construído na Serra Gorda, a 102m de altitude, em local estratégico e dominante sobranceiro ao Rio Lisandro e ao seu afluente, a Ribeira da Vidigueira**, encontra-se rodeado por fosso de proteção e foi concebido para uma guarnição de 250 soldados. No interior do reduto localizam-se

o paiol e alguns traveses, elevações em terra para proteção do fogo inimigo. O núcleo da Carvoeira 2, do qual este forte faz parte, **destinava-se à defesa estratégica das praias do Lisandro e de São Julião, apoiando a frota inglesa**, e do desfiladeiro de Fonte Boa da Brincosa, do vale da Senhora do Porto (ou Senhora do Ó) e da estrada que ligava a Ericeira a Sintra e a Belas, passando pela Carvoeira.

Em 2009 tiveram lugar trabalhos de escavação arqueológica que permitiram definir a planta da fortificação e analisar as técnicas construtivas utilizadas nas estruturas em terra (traveses) e de madeira (paliçada e plataforma), realizados pelo Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Mafra. Nesse mesmo ano, a Câmara Municipal de Mafra procedeu a trabalhos de conservação e restauro que permitiram a estabilização da erosão e a recuperação das estruturas derrubadas, com fundos dos Mecanismos Financeiros do Espaço Económico Europeu e da Noruega (EEA Grants).

Da bateria avançada desfruta-se uma bela panorâmica sobre o Porto da Carvoeira e todo o vale terminal do Rio Lisandro. Descida do Forte pela aldeia do Zambujal e o vale da Vidigueira.

FORTE DE MILREU

O Forte de Milreu, também conhecido como Forte de Mil Regos, Forte de São Pedro de Milreu ou Forte de São Pedro, localiza-se em posição estratégica sobre a arriba e a baía da Ribeira d'Ilhas, cerca de 2km a norte da Ericeira. **Construído no contexto da Guerra da Restauração para defesa daquele trecho do litoral e controlar o acesso marítimo à Ericeira pelo setor norte e, ao mesmo tempo, prevenir qualquer tentativa de desembarque na vizinha baía da Ribeira d'Ilhas**. Dele há notícia em 1675 quando foi inspecionado pelo Marechal de Campo, Marquês de Fronteira, que registou ausência de artilharia e de guarnição. Para guarnecê-lo, a 26 de janeiro de 1680, João de

Sousa Noronha, seu Governador, solicitou à Câmara um alvará que dispensasse os moradores do Real Serviço, caso eles se comprometessem a fazer a segurança do forte. A este Governador sucederá, em 1706, Francisco de Almeida Carvalho e, em 1735, José de Mendonça. Ao tempo deste último, o forte contava com sete peças de artilharia.

Danificado pelas fortes intempéries registradas na região em 1751, procedeu-se à reconstrução de alguns elementos estruturais cuja estabilidade foi seriamente agravada pelo terramoto de 1755, entrando o forte em processo de ruína. No início do século XIX, a 3 de janeiro de 1819, o Governador do forte e a Câmara solicitaram auxílio ao soberano, visando a reconstrução do cais, desmoronado por ação do mar. Foi reparado entre 1831 e 1832 no contexto da Guerra Civil, sendo utilizado pelas forças miguelistas. Em meados do século recaiu outra vez em abandono, levando a que, por requerimento endereçado em 1871 ao Ministro da Guerra, fosse solicitada a utilização de algumas das suas lajes no restauro e construção dos anexos da igreja de São Pedro da Ericeira, o que foi prontamente anuído, enquanto que, na década de 1880, foi recolhida a artilharia remanescente.

O forte apresenta planta rectangular, em estilo maneirista, com cobertura em terraço e escadaria exterior de acesso. No frontispício rasga-se o portão de armas em arco pleno. Apresenta bateria com canhoneiras e duas guaritas cilíndricas com cobertura cónica. Atualmente, apesar do estado de abandono e de degradação em que se encontra, conservam-se os seus espaços mais importantes: a bateria, formada por uma ampla esplanada voltada para o mar e a casa-forte com compartimentos abobadados. **Do terraço desfruta-se uma bela panorâmica sobre o litoral e as arribas da Ribeira d' Ilhas e Ribamar.**

Recomendações:

Trazer farnel para piquenique e, no mínimo, 1,5 l de água, pois só há possibilidade de reabastecimento na Fonte Boa dos Nabos, já no terço final do percurso.

Há cafés na Ericeira, dois na Fonte Boa da Brincosa, Atlântico à Vista e Búzios, onde iremos passar pouco depois de deixar a Vila e o café "O Catita", na Fonte Boa dos Nabos, no início do terço final do percurso, onde poderemos efetuar uma paragem para beber líquidos e restaurar energias.

Trazer calçado confortável para caminhada. Poderá, ainda, haver lama nalguns locais baixos e húmidos, junto de linhas-de-água.

Venham prevenidos com agasalho para o vento, que sopra sempre da parte da tarde junto ao litoral, protetor solar e chapéu para um dia de sol, pois na maior parte do percurso não há sombra.

Há possibilidade de neutralização na localidade do Seixal, ao atravessar a EN 116, que dista cerca de 1,5km a pé do centro da Ericeira.

Todo o percurso está incluído na folha 388 (Ericeira) da Carta Militar de Portugal.

O preço (12€) inclui o seguro e a organização da atividade.